

DA MODULARIDADE LINGUÍSTICA: a propósito do advérbio de modo em *Viagens na Minha Terra*¹

Olivia Figueiredo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto
olivia.figueiredo@clix.pt

1. A ideia de gramática modular tem a sua origem a partir de reflexões sobre a linguagem no quadro das gramáticas generativas. A concepção modular parte da hipótese de que o sistema de análise dos estímulos linguísticos comporta uma gramática universal composta de subsistemas contendo cada um deles um elemento de base e regras próprias. Estes subsistemas, chamados módulos, entram em interacção entre si para permitir a descrição do dado linguístico, em quaisquer dos seus aspectos (fonológicos, lexicais, sintácticos, semânticos, pragmáticos...), e a explicação desse dado, por meio da sua generalização ou particularização. O modelo modular, uma vez que os diferentes módulos estão ligados entre si por meio de um sistema de regras – as metaregras –, possibilitarão ao investigador não perder de vista a concepção global do fenómeno a analisar, ao mesmo tempo que o decompõe em módulos autónomos e complementares passíveis de serem estudados em rigor e em pormenor. Graças às diversas conexões entre os módulos, pode-se ter um ponto de vista limitado sobre o fenómeno a descrever e ao mesmo tempo apreender-se a articulação de conjunto do fenómeno em questão de forma a gerir-se a sua multidimensionalidade.

Como instrumento heurístico, a modularidade permite uma grande precisão na descrição do trabalho efectuado, além de abrir a via a um nível explicativo susceptível de dar conta das relações sistemáticas entre os fenómenos examinados e definidos independentemente uns dos outros.

Delimitada a extensão do objecto a estudar, o exercício consistirá então, com a ajuda da teoria, descrever os dados (atribuição de uma estrutura e de

¹ Indicaremos V.M.T. em substituição de *Viagens na Minha Terra*. As páginas indicadas são as da seguinte edição: ALMEIDA GARRETT, *Viagens na Minha Terra* (Realização didáctica de Luís Amaro de Oliveira, Porto, Porto Editora, 1974).

uma interpretação) e explicá-los (por meio de um subsistema de hipóteses independentes dos factos observados). O valor explicativo será tanto mais preciso quanto mais simples for o sistema de regras e quanto mais o sistema de regras for estabelecido independentemente dos dados. Além disso, o sistema explicativo será dotado de uma capacidade de previsão, no sentido de prever quais são os enunciados possíveis e quais são as suas interpretações virtuais.

Deste ponto de vista, a adopção de um quadro modular apresenta a vantagem de permitir aprofundar o estudo sistemático das diferentes dimensões do objecto a estudar sem perder de vista a organização complexa do conjunto e evitar, assim, a multiplicação de soluções *ad hoc*.

1.1. Pode-se conceber o surgimento de teorias modulares como uma espécie de reacção ao desenvolvimento disciplinar isolado no seu próprio domínio (socio-linguística, linguística textual, linguística cognitiva...). Uma teoria modular apresenta vantagens a não desprezar em relação às teorias unitárias: as teorias unitárias exprimem-se em linguagens (teóricas) diferentes e falam mundos diferentes; as teorias modulares, baseadas numa concepção metodológica da modularidade, estabelecem como ponto de partida uma relação dialéctica entre teoria e empiria de forma a constantemente cada teoria modular precisar a extensão do seu domínio. Neste sentido, a modularidade elege como princípio metodológico a delimitação do campo de pesquisa de forma a descrever a forma da língua (dar conta do que é possível e do que não é) e explicar as relações que se podem observar entre as diferentes formas linguísticas e os seus sentidos (valor dos seus empregos).

Para relacionar a forma com o sentido, o linguista tem a possibilidade de o fazer partindo, por exemplo, da unidade formal *frase*, ou da sua ocorrência o *enunciado*. O campo de pesquisas será ou a estrutura do discurso ideal, definido como o discurso construído pela língua ou, em oposição, o discurso «autêntico» que releva da fala. De qualquer forma, no discurso dito autêntico, todos os encadeamentos entre palavras e enunciados obedecem às condições impostas pela língua. Neste caso, como o sentido depende intrinsecamente das interpretações que os sujeitos fazem das falas que eles ouvem ou lêem, haverá a necessidade de uma teoria, ou mais precisamente, de um modelo de interpretação. O fundamental a reter é que a língua produz instruções para a sua interpretação e esta só é acessível pelo contexto que permite a sua saturação.

Interpretar é atribuir um sentido ao enunciado por cada locutor. Nesta perspectiva, o sentido é um termo estático, enquanto a interpretação é um termo dinâmico. Cada receptor faz do enunciado a sua própria interpretação nos limites postos pela significação. De facto, a interpretação consiste na saturação, governada pelas leis do discurso, das variáveis dadas pela significação.

A fim de ilustrar o funcionamento de um sistema modular que observe o princípio da relação dialéctica entre teoria (sistema modular) e empiria (dado linguístico), esboçaremos um modelo modular que se aplique à análise da posição do advérbio em *-mente* em *Viagens na Minha Terra*.

A delimitação do campo de pesquisa tem influência sobre os tipos de métodos aceites no sistema: dever-se-á assegurar a independência mútua dos módulos e estabelecer um aparelho notacional homogêneo que permita o estabelecimento de laços precisos entre os módulos de forma a que todo o módulo tenha um papel no sistema. Este princípio esclarece que o estabelecimento dos módulos não é derivacional, porque nada é dito que a via modular é orientada e hierarquizada. Qualquer que seja a estruturação que se imponha ao sistema, o essencial é assegurar-se sempre que haja relações sistemáticas, precisas e explícitas entre os módulos. Neste sentido, nada impede que o sistema modular se aproprie e explore os resultados adquiridos por outros métodos, em domínios vizinhos. O importante é reinterpretar tais resultados de forma a fazê-los operar no quadro do sistema criado.

1.2. A arquitectura do modelo a desenvolver no estudo da posição do adverbial em *-mente*, na ocorrência os advérbios de modo em V.M.T., não é um modelo universal, mas somente um modelo desenvolvido com a finalidade de uma pesquisa particular. Se, para esta ilustração, escolhemos a posição do advérbio de modo na frase, é porque a ordem das palavras é um fenómeno que põe em jogo numerosos parâmetros. Para a realização desta pesquisa propomos estabelecer três componentes de módulos: um módulo sintáctico, um módulo lógico-semântico e um módulo pragmático-semântico. A adopção deste modelo «tricotómico» não implica nenhum postulado de relação orientada e derivacional; traduz apenas uma certa comodidade e define uma possibilidade ao nível teórico, de uma descrição da significação do advérbio de modo e do grau de aceitabilidade do seu enunciado. Notaremos que estes módulos são teorias já existentes mas reinterpretadas e adaptadas ao sistema modular encetado. A sua produtividade advirá das metarregras desencadeadas que, por um lado, assegurarão a articulação global do quadro explicativo, e que, por outro, pelo seu poder adaptativo, poderão ser sempre modificadas e desenvolvidas aquando das análises empíricas. Residirá aqui o princípio da relação dialéctica entre teoria e empiria. Destacaremos, do módulo sintáctico, a estrutura sintagmática, do módulo lógico-semântico², as restrições seccionais e do módulo pragmático-semântico, a focalização.

² Consideramos que a forma lógica é uma componente de interpretação semântica.

1.2.1. A estrutura sintagmática cria uma estrutura hierárquica da frase³, no sentido de estabelecer uma demarcação dos seus constituintes imediatos e dos constituintes de que estes se compõem. No quadro modular, o analisador sintáctico – a subcomponente do sistema de tratamento da linguagem – ocupa-se por atribuir uma estrutura sintagmática a uma sequência de elementos lexicais. Com efeito, a estrutura sintagmática explora as informações sobre as categorias gramaticais contidas no léxico.

Como uma consequência do contributo modular, as restrições seleccionais, que figuram muitas vezes nas teorias sintácticas, serão consideradas aqui com sendo de natureza semântica, porque dependentes directamente do semantismo dos lexemas. Também os fenómenos prosódicos estão directamente ligados à estruturação sintagmática o que, na prática, permite distinguir elementos linguísticos em posições integradas e em posições destacadas. O destaque, sendo feito por rupturas (cesuras) ligadas à entoação⁴, permite diferenciar, no caso do adverbial em *–mente*, quais os advérbios integrados, isto é, quais os advérbios dos sintagmas verbal e adjectival e os advérbios do enunciado⁵ e da enunciação. No primeiro caso, o advérbio faz parte do sintagma verbal ou adjectival e, no segundo caso, ele tem a capacidade de deslocação por contraste de entoação dentro do enunciado, modalizando-o, ou tem a capacidade de formar o seu próprio sintagma, especificando-o.

A estrutura sintagmática (módulo sintáctico) induz assim uma estrutura específica à frase albergando no seu seio as rupturas de intonação como um fenómeno sintáctico, e as estruturas lógico-semânticas como a correspondência entre uma unidade sintagmática e uma unidade semântica. É neste princípio de composicionalidade que reside o seu valor explicativo.

1.2.2. As restrições seleccionais são atinentes ao módulo lógico-linguístico. Apoiam-se ao mesmo tempo em fenómenos sintácticos, o que mais uma vez ilustra a interacção entre as componentes. Este módulo permitirá detectar os desvios gerados pelas incompatibilidades lógicas. É o caso de certos advérbios de enunciação, como *francamente*, que não aceitam compatibilizar-se com qualquer tipo de sintagma:

³ A frase, tal como é definida, geralmente pela presença de um ponto, corresponde muitas vezes, não a uma estrutura sintáctica, mas a uma estrutura textual, formada de várias proposições máximas (cf. Roulet, 1994).

⁴ A intonação é a resultante da combinação das regras aplicadas aos diferentes níveis: uma cadeia segmental é a resultante da combinação das regras de cada nível (morfológico, sintáctico, forma lógica...).

⁵ Aqui faz-se corresponder «enunciado» a uma sequência limitada por constituintes ou grupos de palavras.

(1) * *Francamente*, três vezes nove são vinte e sete.

Neste caso, o advérbio de enunciação é incompatível com o valor analítico do conteúdo proposicional «três vezes nove são vinte e sete»⁶.

1.2.3. A focalização, o outro módulo a ser considerado no estudo a emprender, permite delimitar o focus no interior do enunciado e verificar que a entoação se prende à estrutura melódica (acento «fonológico»).

A focalização pode ser neutra, quando associada a um domínio de focalização que, na frase standardizada, se pode confundir com a zona posverbal ou preadjectival. Por outro lado, a focalização diz-se especializada quando, geralmente, é acompanhada de um acento de insistência com uma subida ou descida entoativa, marcando uma fronteira prosódica e, conseqüentemente, delimitando o sintagma ou criando um sintagma independente. Nesta focalização caberão os advérbios de modo de enunciado e de enunciação que, normalmente, exercem um efeito de focalização contrastiva sobre os elementos em seu redor. O papel central acordado à sintaxe parece-nos justificado pelos constrangimentos que esta faz pesar sobre a interpretação fonológica e semântica da frase. Mesmo se cada sintagma não corresponde a uma palavra fonológica, todas as palavras fonológicas são limitadas por uma fronteira sintáctica. Os domínios sintácticos importantes correspondem também a domínios de interpretação semântica importantes, como o prevê a hipótese da interpretação composicional.

2. A posição dos adverbiais de modo. Os três módulos seleccionados permitirão aquilatar da posição do advérbio em *-mente* no seio da frase ou do sintagma. A estrutura sintagmática designa as posições abertas aos advérbios, as restrições seleccionais governam a combinatória entre vários advérbios de modo num mesmo enunciado e entre tipos de actos ilocutórios e outros tipos de advérbios. A focalização explica a escolha de posição feita numa situação concreta. A finalidade do estudo a emprender é ilustrar, por meio de um modelo modular, a resolução da posição dos advérbios em *-mente* na configuração da frase, ou mais precisamente, das ocorrências dos ditos advérbios em V.M.T. . Precisemos: no âmbito desta reflexão analisaremos os adverbiais de acordo com a sua perspectiva e o seu escopo. Distinguiremos, dentro dos advérbios de frase os adverbiais de enunciado e os adverbiais de enunciação. Os adverbiais de enunciado, que recaem sobre o «mostrado», sobre o «dito»,

⁶ Este módulo também permitiria analisar a (in)compatibilidade existente entre advérbio de modo de frase e outros advérbios, como por exemplo *talvez*, sob o seu domínio.

e os advérbiais de enunciação, que recaem sobre o «dizer». Trata-se, no fim de contas, de verificar a posição dos advérbios de modo na estrutura superficial da frase, a partir da linearidade discursiva e do contorno prosódico. É, aliás, esta última característica que vai proporcionar distinguir posições integradas de posições destacadas.

2.1. Estrutura sintagmática. Partimos do princípio, cientificamente válido, de que a estrutura sintagmática cria uma estrutura hierárquica da frase. Pretende-se, assim, estabelecer uma demarcação dos constituintes imediatos que compõem a frase de forma a que as categorias gramaticais contidas no léxico sejam destacadas. Com efeito, as categorias gramaticais têm um papel primordial para a aplicação das regras sintagmáticas, no sentido de evidenciar os vários núcleos e os seus satélites (SN, SV, SAdj, etc.). Por outro lado, estas informações de natureza lexical (ou morfossintáctica) permitirão alargar o âmbito da investigação a questões de ordem semântica, dado as restrições seleccionais (o outro módulo a ser considerado) dependerem directamente do semantismo dos lexemas. O outro dado importante a considerar, como já ilustrámos, ligado directamente à estrutura sintagmática, é o fenómeno prosódico. É, então, também, a estrutura rítmica que nos irá permitir fazer a distinção primordial entre posições dos advérbios: posição integrada ou posição destacada.

Consideremos estes exemplos de V.M.T. e confrontemo-los:

- (2) *Francamente*, pois...eis aí o que poderão dizer;...”Addison foi secretário de Estado, e então...” – Então o quê? Não concebem um secretário de Estado filósofo, um ministro poeta, escritor, elegante, cheio de graça e de talento? (p. 23).
- (3) *Francamente* me confesso de sonâmbulo, de soníloquo, de (...). (p. 25).
- (4) (...) *insensivelmente* era chegado o meio de Abril, estávamos em plena e bela Primavera (...). (p. 112).
- (5) (...) e ao mesmo tempo traduzindo, de pais a filhos *insensivelmente*; (...). (p. 175).

As duas posições, destacada e integrada, correspondem a duas funções diferentes dos advérbios *francamente* e *insensivelmente*. Geralmente, a focalizações diferentes correspondem estruturas sintagmáticas diferentes. Nas frases (2) e (3) o advérbio *francamente* está em posição destacada porque está delimitado por uma ruptura de entoação. É um advérbio de enunciação e apresenta-se com capacidade de formar o seu próprio sintagma. Nas frases (4) e (5) é um advérbio em posição integrada, considerado como fazendo parte do enunciado.

Pelo que nos foi dado ver, concluímos que toda a estrutura sintagmática deve encontrar a sua justificação na sintaxe (consideradas aqui as rupturas rítmicas como um fenómeno sintáctico) e que a estrutura lógico-semântica deve

respeitar a estrutura sintagmática na medida em que deve fazer corresponder a cada unidade sintagmática uma unidade semântica. Deste princípio de composicionalidade residirá o valor explicativo do dado linguístico sob análise.

2.2. Restrições seleccionais. Este módulo ocupar-se-á das incompatibilidades que provêm de certas combinações lexicais ou funcionais. O importante a reter neste módulo, é que as restrições seleccionais se apoiam ao mesmo tempo em fenómenos sintácticos e em fenómenos semânticos, atestando-se assim a interacção entre as várias componentes.

Dois tipos especiais de restrições seleccionais interessarão para este estudo. Um primeiro tipo diz respeito aos desvios explicados por uma incompatibilidade lógica a haver entre dois advérbios de modo de frase (ou entre um advérbio de modo e outro advérbio de frase como *talvez*), tendo por escopo um sintagma ou a frase inteira:

(5) ?*Certamente*, Pedro fez *provavelmente* o seu exame.

(6) ?*Talvez*, Pedro fez *certamente* o seu exame.

De facto, um mesmo locutor não pode julgar um mesmo acontecimento ao mesmo tempo como certo e como provável. Diga-se, de seguida, que este constrangimento lógico não tem só a ver com os advérbios de modo entre si, mas também entre advérbios de modo e outros segmentos linguísticos do sintagma. Assim se explica o segundo tipo de restrições seleccionais:

(7) *Difícilmente*, a Joana é casada.

A frase (7) é bizarra porque a função do advérbio de enunciação *difícilmente* é incompatível com o valor analítico assertivo do conteúdo proposicional.

O advérbio de modo, cujo escopo é marcado pela sua posição na frase ou no sintagma, apoia-se na hipótese composicional que tem por mérito fazer depender a interpretação de uma frase da sua estrutura sintáctica. É assim que a posição dos advérbios de modo nos exemplos seguintes, retirados de V.M.T., têm determinados valores modais de acordo com a posição que ocupam:

(8) (...) que *só e unicamente* se encontram aonde toda a fé e toda a crença... nuns olhos *sincera e lealmente* pretos. (p. 70).

(9) Havia no frade uma afectação visível, um sistema premeditado e inalterável de se abster *completamente* de tudo (...). (p. 94).

(10) E veio triste, melancólico, pensativo, *inteiramente* outro do que sempre fora (...). (p. 95).

Em (8) *so(mente)* e *unicamente* entram no escopo do SV e *sincera(mente)* e *lealmente* no escopo do SAdj.; em (9) e (10) os advérbios de modo *completamente* e *inteiramente* entram no domínio do constituinte imediato do SV e dele não podem sair sob pena de se alterar a sua significação.

Além do carácter posicional do advérbio de modo, há que acrescentar o factor fonológico como entidade influenciadora da aceitabilidade das estruturas sintácticas. É a partir deste critério que se identifica o constituinte focus da frase.

2.3. Focalização. Este módulo, que se situa numa perspectiva pragmático-semântica, avaliará a frase no seu contexto discursivo ou pragmático. Ter-se-á em conta a identificação do elemento focalizado no interior do paradigma. Essa focalização ou é neutra e, neste caso, encontra-se associada a um domínio de focalização que coincide com uma posição posverbal; ou a focalização é especializada e, então, caracteriza-se prosodicamente por um acento de insistência que termina por uma subida ou descida de intonação. Pode ser constrangida por um domínio de focalização, ou não. Nesta situação trata-se de um domínio de contraste.

Retomaremos aqui a ideia de advérbio de modo integrado para a fazer coincidir com a ideia de focalização neutra; por outro lado, a inserção de um advérbio de modo destacado exerce um efeito de focalização especializada sob o elemento que o precede ou segue imediatamente. Este elemento será pronunciado com uma subida de intonação que marca a fronteira de um domínio de focalização. Do exposto se poderá ainda pôr a hipótese de que não é propriamente só a entidade fonológica que joga um papel na avaliação semântica da frase, mas também os seus efeitos discursivos. Destaquemos os seguintes exemplos de V.M.T.:

- (11) «Ah! estamos em Tortoni...que delícia um sorvete com este calor!» – é *seguramente*, é dos prazeres maiores deste mundo (...). (p. 38).
- (12) Ora eu filósofo *seguramente* não sou, já o disse; (...). (p. 61).
- (13) É gracejo isso, ou *realmente* há ali uma mulher, bonita, e? (...). (p. 58).
- (14) Mas esta mulher é bela *realmente!* (p. 266).
- (15) A velha gemeu *profundamente*, e, por um jeito de antiga reminiscência, levou as mãos aos olhos (...). (p. 108).
- (16) (...) Joaninha, meio recostada, meio deitada, dormia *profundamente*. (p. 115).

Do conjunto dos exemplos salientamos, como advérbios de focalização especializada, isto é, com acento de insistência de entoação ascendente ou descendente e, conseqüentemente, com capacidade de deslocação dentro da sua área de domínio – a frase –, os advérbios *seguramente*, exemplos (11) e (12),

realmente, (13) e (14). Os advérbios *profundamente*, exemplos (15) e (16) são advérbios de focalização neutra e têm como característica serem integrados no focus do SV. Pelos exemplos dados vemos que a força ilocucionária dos actos de fala, cujos operadores são, nos enunciados do Português, a asserção, a interrogação, a ordem e a exclamação, constitui um critério fundamental na avaliação e interpretação do advérbio de modo da frase. É assim que se distinguem as atitudes do locutor, os valores de intensidade, de modalidade dos advérbios *seguramente* e *realmente* – frases (11), (12), (13), (14) –, em enunciados interrogativos e exclamativos por um lado, e, por outro, a expressão do modo como se efectua uma acção por meio do advérbio *profundamente*, nos enunciados assertivos (15) e (16).

Neste contexto, poder-se-á concluir que existe uma relação estreita entre focalização e coesão discursiva no sentido de que o encadeamento explora esta contrastividade inerente a toda a focalização. Com efeito, relacionar dois ou mais elementos de um mesmo paradigma é focalizá-los em cada um dos enunciados. E esta capacidade de contraste do advérbio de modo de frase possibilita um dinamismo gerador que se pode subdividir em duas situações: uma enunciação locutória que define a atitude do enunciador produzindo adesão/distanciação em relação ao dito no enunciado; uma enunciação referencial que define o papel da situação do discurso.

3. Estes três módulos seleccionados apresentaram-se como pertinentes para o estudo em questão – a análise modular da posição do advérbio de modo na frase. O módulo sintáctico designa as posições abertas aos advérbios de modo; o módulo lógico-semântico governa a combinatória entre vários advérbios de modo num mesmo enunciado; o módulo pragmático-semântico explica a escolha de posição feita numa situação concreta e de acordo com os tipos ilocutórios.

A presente análise, ao mesmo tempo que mostra o funcionamento de emprego do advérbio de modo em V.M.T., fornece uma ilustração de uma análise modular concreta e um ponto de partida para uma análise mais exaustiva da posição dos advérbios de modo em outros textos com outros contextos. Não havendo consenso nem acordo quanto à extensão e definição da classe dos advérbios de modo, limitamo-nos neste estudo a classificar as suas ocorrências. Nos advérbios de modo da frase foram tidas em conta propriedades com as seguintes características: o escopo (os advérbios de modo da frase têm sob o seu domínio a própria frase), a extensão do seu escopo (a extensão da frase que entra no seu alcance) e a perspectiva (o aspecto sob o qual este segmento é visto).

Neste sentido, os advérbios de modo de frase perfilam-se em duas grandes

classes⁷, segundo a sua perspectiva de domínio: os advérbios de enunciado que recaem sobre o «mostrado» e sobre o «dito» e os advérbios de enunciação, que recaem sobre o «dizer». Por outro lado, a distinção feita sobre o eixo prosódico, permite distinguir entre posições integradas e posições destacadas. Começamos pela estrutura sintagmática. Regra geral, os advérbios de modo de frase colocam-se em todas as cesuras maiores da frase. Assim:

(17) *Realmente* o século estava muito atrasado: (...). (p. 34).

1. o século 2. estava 3. muito atrasado 4.

(18) Entra em ti, Carlos, e discorramos *pausadamente* sobre a nossa situação, (...). (p. 188).

Entra em ti, Carlos, e 1. discorramos 2. sobre a nossa situação 3.

(19) O rosto oval e *perfeitamente* simétrico, pálido; (...). (p. 250).

No exemplo (17), não há restrições prosódicas. O advérbio de frase *realmente*, sendo de natureza destacada, pode ocupar qualquer posição na frase (1., 2., 3., ou 4.). Já no exemplo (18), as posições 1. e 3. são destacadas, enquanto a posição 2. seria integrada. De facto, só a posição 2. exprime o modo como se deve efectuar a acção de «discorrer». As posições 1. e 3. denotam a atitude do locutor perante uma determinada situação, que ele ordena e deseja que seja calma. No primeiro caso, o advérbio de modo cai no escopo do SV; no segundo caso, o advérbio tem como domínio todo o segmento frásico. No exemplo (19), o advérbio de modo *perfeitamente* só pode ocupar a posição imediatamente anterior ao adjectivo, que ele intensifica. Também aqui, a posição do advérbio de modo é integrado.

De tudo isto se podem extrair as seguintes regras sintagmáticas: o advérbio de modo de enunciado pode colocar-se em posição destacada em todas as cesuras entre constituintes maiores da frase; o advérbio de sintagma coloca-se junto do verbo ou do adjectivo. O advérbio de modo de enunciação, uma vez que recai sobre o próprio acto de enunciação, só pode aceitar a posição destacada. Este facto explica-se pela perspectiva do seu domínio:

(20) Eu, que nem morrer já posso, que vejo terminar *desgraçadamente* esta guerra no único momento em que a podia abençoar (...). (p. 269).

(21) Já agora rasgo o véu, e declaro *abertamente* ao benévolo leitor a profunda ideia (...). (p. 12).

⁷ O termo «advérbio» parece pouco apropriado para dar conta de todas as ocorrências desta classe. Com efeito, seria mais coerente o emprego de «adfrase», para os advérbios de modo de frase, à semelhança dos termos em inglês «adsentence» e do francês «adphrase».

Como os advérbios de enunciação só entram em acção depois da realização deste acto, acontece que eles não podem fazer parte integrante dos materiais linguísticos enunciados. Daí a sua capacidade em veicular um ponto de vista que vai para além do que é «mostrado» na frase.

Analisadas as diferentes posições do advérbio de modo da frase, feito o seu enquadramento e definidas as suas regras, o passo seguinte seria verificar o jogo da combinatória dos vários adverbais em presença na mesma frase. A presença de dois advérbios de modo de frase ou de um adverbial de modo de frase e qualquer outro advérbio também de frase, num só enunciado exige compatibilidade semântica entre eles, como se viu no exemplo (4). Também os dois grandes tipos de advérbios de modo se comportam diferentemente consoante os actos ilocutórios em que estão inseridos. Assim, os advérbios de modo de enunciado aceitam somente serem integrados em actos de fala assertivos, enquanto os adverbais de enunciação aceitam serem integrados em actos de fala interrogativos ou exclamativos:

(22) *Infelizmente* o sacrifício não foi de todo incruento. (p. 42)

?*Infelizmente* o sacrifício não foi de todo incruento! (?)

? O sacrifício não foi *infelizmente* incruento! (?)

? O sacrifício não foi incruento *infelizmente* ! (?)

(23) *Felizmente* que não estava só; e escapei de mais essa caturrice. (p. 46).

Felizmente que não estava só! (?)⁸

É interessante notar que, pelo critério do operador exclamativo ou interrogativo, se pode aferir se um advérbio de modo, embora pertencendo ao mesmo campo semântico (como é o caso de *infelizmente/felizmente*), é um adverbial de enunciado ou de enunciação. No caso de (22) trata-se de um adverbial de enunciado modal porque a frase em que «*infelizmente*» está inserida só aceita um acto ilocutório assertivo. No caso de (23), «*felizmente*» é um adverbial de enunciação com valor de intensidade. Com efeito, a frase em que o adverbial está inserido realiza-se ilocutoriamente num acto de fala exclamativo ou interrogativo.

Numa situação concreta ver-se-ia melhor qual o papel da focalização na escolha de posição dos advérbios de modo na frase. De qualquer forma, parece certo que há uma relação exacta entre o advérbio de modo e o escopo, o que faz prever qual o tipo de advérbio: se de enunciado, se de enunciação. O pri-

⁸ É natural pensar que a presença de «que» na frase bloqueia o acesso ao escopo. Daí «*felizmente*» formar o seu próprio sintagma e tornar-se um advérbio de enunciação.

meiro recai sobre o enunciado compreendido como o resultado do acto de enunciação. É assim que os advérbios de enunciado têm acesso quer ao acto de fala quer ao conteúdo proposicional, que eles são susceptíveis de comentar:

(24) (...) ambos pereceram *desastradamente* num dia cruzando o Tejo (...). (p. 93).

(25) Abraçaram-se, e desta vez *frouxamente*; (...). (p. 150).

Os adverbiais modais *desastradamente* e *frouxamente* trazem um comentário ao valor de verdade (eles modalizam as condições de verdade) transmitido pela frase. Vejamos ainda a frase seguinte:

(26) O frade contemplava o enfermo e a enfermeira. Mas *visivelmente* não queria ser visto nessa ocupação, porque ao menor estremecimento do doente recuava apressado e como assustado para o interior da sua alcova. (p. 183).

O comentário de *visivelmente* só diz respeito à forma escolhida ou à sua função, e esta relação tem pouca importância sobre a escolha de posição. Além disso, a curva entoativa que incide sobre «visivelmente» só é possível num contexto em que a acção denotada pelo verbo («não queria ser visto») é contrastada com uma outra acção («recuava apressado»). O comentário incide sobre o verbo. «Visivelmente» não teria o mesmo valor de contraste, e logo a mesma intenção, se a sequência da frase fosse outra:

(27) O frade contemplava o enfermo e a enfermeira, mas *visivelmente* não queria ser visto nessa ocupação, mas certamente noutra.

Aqui o comentário incide sobre o nome («ocupação») e não sobre o verbo. A análise focalizadora permite detectar qual a intenção de o adverbial ocupar uma ou outra posição na frase. Esta estratégia de natureza pragmático-semântica alimenta-se em considerações sintácticas para tornar acessível uma posição do adverbial não prevista pela sintaxe. Pelo contrário, os adverbiais de enunciação só recaem sobre o acto de fala e não têm nenhum acesso ao conteúdo proposicional.

4. Estudado o advérbio de modo em V.M.T. pelo viés de uma análise modular, interessante seria sistematizar e precisar as relações entre os diferentes módulos. Na impossibilidade de o fazer nesta análise rápida, limitar-nos-emos a mostrar que existe uma relação estreita entre os meios postos à disposição pelo módulo da estrutura sintagmática e pelas regras de focalização, por um lado e, por outro, pelo módulo lógico-semântico que indica os valores semân-

ticos e funcionais ligados às diversas posições dos advérbios.

Com efeito, o modelo sintagmático integra regras que põem a prosódia em relação precisa com a estrutura sintagmática. As relações particulares que existem entre os advérbios de modo e a focalização fazem prever certas possibilidades de posição em relação aos seus domínios e escopo. Assim um advérbio de modo do SV ou do Sadj. (cuja posição é integrada) nunca pode ocupar a última posição dum grupo rítmico porque ele não suporta a focalização:

(27) – «Bem, camaradas!» bradou Carlos caminhando *rapidamente* para eles (...). (p. 123).

(28) (...) se encontram aonde está toda a fé e toda a crença...nuns olhos *sincera e lealmente* pretos. (p. 70).

Pelo contrário, as posições destacadas dos advérbios de modo focalizam automaticamente o elemento que os precede na estrutura sintagmática. São os advérbios de modo do enunciado.

(29) Bifurquei-me *resignadamente* sobre o cilício do esfarrapado albardão (...). (p. 29).

Quanto aos advérbios de modo de enunciação, eles entram também numa estrutura focalizadora, mas o seu escopo não é o enunciado, a estrutura proposicional, o que é dito, mas uma justificação do dizer, dos termos do dizer, ou um juízo sobre a adequação do dizer ao pensamento:

(30) «Gil Vicente» tem outro – isto é, *verdadeiramente* não tem senão meio frade, que é André Resende (...). (p. 77).

É combinando todas estas regras (metarregras) que se chega à previsão das posições abertas aos advérbios e à indicação dos valores semântico e funcional ligados às diversas posições. Parece que os advérbios de modo da frase se podem colocar em todas as cesuras maiores e só nestas, isto é, entre os núcleos-sintagmas da frase.

4.1. Numa síntese breve, e necessariamente provisória, concluiremos que o recurso à aplicação de um modelo modular para a análise do facto linguístico tem a vantagem de se estar perante um modelo em construção permanente. Isto pelo facto de que, à medida que as análises vão progredindo, novos módulos se poderão ir acrescentando enquanto outros se vão dissipando ao mesmo tempo que se geram novas metarregras ligando os novos módulos entre si. Além disso, como o modelo não é derivacional, o ponto de partida pode ser a componente sintáctica ou pragmática, ou outra. Destes princípios

se conclui que a ideia modular permite distinguir rigorosamente as estratégias do trabalho a empreender assim como o estabelecimento do modelo explicativo. A solidariedade e a colaboração entre áreas e investigações afins permitem chegar ao ideal científico de aliar a empiria, os níveis de análise e a modularidade.

4.2. Aplicado o modelo modular ao estudo do advérbio de modo em V.M.T., do qual se destacaram três módulos – sintático, lógico-semântico e pragmático-semântico –, verificámos os seus valores através das suas diversas ocorrências. Em V. M. T., o advérbio de modo surge numa média de uma ocorrência por página, ou seja à volta de 250 na sua totalidade, sendo que alguns são retomados embora em contextos diferentes e, por vezes, com valor diferente. De notar que os advérbios mais repetidos ao longo da obra são advérbios de enunciado (*voluntariamente*, 7 vezes; *verdadeiramente*, 6 vezes) e de enunciação (*realmente*, 7 vezes e *sinceramente*, 5 vezes). Assim, a distribuição dos adverbiais de modo exprime-se como a efectivação de uma acção, da atitude do locutor ou de uma modalidade.

4.2.1. Como expressão de uma acção, o advérbio de modo surge como fazendo parte do SV e sujeito ao seu domínio. Neste sentido, a sua posição é integrada sendo a sua situação reduzida à de satélite do verbo. Tendo o SV sob o seu escopo, natural será que se crie uma solidariedade semântica e lexical entre as duas categorias de palavras. O verbo e o advérbio de modo:

(31) Foi *rapidamente* postar, a alguma distância dali, duas sentinelas que lhe faltavam; (...).
(p. 114).

(32) Carlos acordou de todo, abriu os olhos e cravou-os *fixamente* no rosto angélico dessa mulher. (p. 184).

A densidade de emprego do advérbio de modo do verbo é muito baixa (à volta de 35 ocorrências) em comparação com o número total de emprego do advérbios de modo em toda a obra (mais ou menos 250). Quanto ao advérbio de modo sob o domínio do SAdj., ele é bastante constrangido posicionalmente, quer o adjectivo seja qualificativo (*verdadeiramente* belas, p. 51; olhos *sincera* e *lealmente* pretos, p. 70), quer seja um adjectivo verbal (*laboriosamente* arrendadas, p. 40; *habilmente* esboçados, p. 50; *friamente* decisivo, p. 108; *tranquilamente* sentados, p. 156). Os seus valores variam entre transmitir um valor de intensidade (*gravemente* ferido, p. 152) e expressar uma modalidade (*elegantemente* cingida, p. 117). O número de ocorrências são aproximadamente as mesmas do advérbio de modo do verbo. À volta de 35 também.

Esta situação não é de estranhar se tivermos em consideração o carácter da obra. É uma obra de cariz romântico com uma textualização fortemente modalizadora. Daí o seu recurso ao uso de advérbios de modo de frase que, como se mostrou acima e se sintetiza a seguir, têm a capacidade de modalizar o discurso (advérbio de modo do enunciado) ou de expressar a atitude do locutor (advérbio de modo da enunciação).

4.2.2. Como expressão modalizadora, o advérbio de modo é engendrado na frase ao nível do enunciado e pode expressar ou um valor de verdade (*incertamente, provavelmente, inquestionavelmente*):

- (33) (...) e revolveia *incertamente* no ânimo a poderosa dúvida: (...). (p. 14).
- (34) (...) não me lembra de que santo, dizendo o seu *dominus vobiscum provavelmente* a algum acólito bacante ou coribante (...). (p. 31).
- (35) (...) um figurão esquisitíssimo que tinha *inquestionavelmente* o instinto de descobrir assuntos dramáticos nacionais (...). (p. 49).

ou um valor de subjectividade (*felizmente, inutilmente, extremosamente*):

- (36) (...) e realidade do sistema constitucional que *felizmente* nos rege. (p. 32).
- (37) A velha chorou, pediu, rogou...*inutilmente*, em vão. (p. 97).
- (38) Namorou-se dela *extremosamente* o jovem Britaldo (...). (p. 171).

O contributo do advérbio de modo do enunciado para a saturação interpretativa da frase advém não só do seu conteúdo lexical próprio, mas também do domínio sintáctico sob o seu escopo e da identificação do constituinte focus da frase. A consideração de todo este conjunto é que permite avaliar a frase no seu contexto discursivo ou pragmático e apreender o seu campo de incidência. O advérbio de modo do enunciado é o que apresenta, em V.M.T., a maior densidade percentual.

4.3.3. Quando o advérbio de modo se apresenta como um elemento gerador enunciativo é um advérbio de enunciação. Neste caso, o advérbio de modo engendra o seu próprio sintagma e pode apresentar ou uma justificação do dizer (o facto de dizer ou os termos do dizer) ou um juízo sobre a adequação do dizer ao pensamento. No primeiro caso, pode representar a justificação pelo próprio facto de dizer,

- (39) (...) É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem acudiu ao princípio de ponderação que eu ia *involuntariamente* fazendo a respeito de Vila Franca. (p. 8).

ou uma justificação dos termos do dizer,

(40) (...) e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou mais *exactamente* se adivinhem, da nossa velha e boa Lisboa das crónicas. (p. 7).

No segundo caso – emissão de um juízo sobre a adequação do dizer ao pensamento,

(41) Eu creio *firmemente* que não. (p. 102).

(42) O aspecto e hábito da planta é *realmente* africano e oriental (...). (p. 177).

(43) Detesto a filosofia, detesto a razão; e *sinceramente* creio que num mundo tão desconchavado como este (...). (p. 219).

A classificação dos advérbios de modo aqui esboçada deveria poder ser apoiada em outras análises mais detalhadas onde se privilegiasse a sua distribuição e a sua combinatória, em relação com a distinção asserção/pressuposição e uma repartição dos modos verbais indicativo/conjuntivo, por exemplo, à qual se ligaria a noção de valor de verdade. De qualquer forma, a análise encetada permitiu-nos chegar a uma pequena conclusão: o advérbio de modo, sobretudo de frase, permite, por meios poderosamente económicos, estabelecer uma espécie de comentário, um juízo de valor sobre os dados, os dizeres, os ditos, os factos enunciados. O advérbio de modo em geral ou segue e reforça o sentido do verbo ou do adjectivo saturando-os interpretativamente ou acrescenta novos sentidos, novas modalizações ao conjunto da frase. O vigor expressivo de V.M.T. comprova isso mesmo. Efectivamente, o número e emprego criterioso de advérbios de modo dimensionam a narração e o narrado numa atmosfera humana onde se vive em cada página diferentes modos de agir (...que limpou *minuciosamente*, p.181), de sentir (...ondulando *lascivamente* com a brisa temperada da Primavera, p.45), de pensar (A sociedade é materialista; a literatura, que é a expressão da sociedade, é toda *excessivamente e abundantemente e despropositadamente* espiritualista, p. 19), de acordo com ambientes onde o narrador e as personagens se inserem.

Em definitivo, o advérbio de modo na frase, pelo seu poder modal, pelo seu grau de intensidade que imprime à frase, pelo laço que estabelece entre a entoação e o discurso, permite dar conta das intuições e das intenções que lhe subjazem. O seu poder manipulatório é grande e a sua proeminência máxima como é evidente, ainda, nesta frase de V.M.T.

(44) O barão é pois *usurariamente* revolucionário, e *revolucionariamente* usurário. (p. 74).

Bibliografia

- BURGER, M. (1997) – «Positions d'interaction: une approche modulaire», in *Cahiers de Linguistique française* 17, pp. 11-46.
- DUCROT, O. et al. (1980) – *Les Mots du Discours*, Paris, Minuit.
- NØLKE, H. (1994) – *Linguistique Modulaire: de la Forme au Sens*, Louvain/Paris, Peeters.
- NØLKE, H. (1998) – «L'adverbe de phrase: focalisation, position et cohérence textuelle», in PATRICK, D. e WALTER, M. (eds), *Hommage à Liliane Tasmowki-De Ryck*.
- RONAT, M. e COUQUAUX, D. (1986) – *La Grammaire Modulaire*, Paris, Minuit.
- ROULET, E. (1991a) – «Vers un approche modulaire de l'analyse du discours», in *Cahiers de Linguistique Française*, 12, pp. 53-81.
- ROULET, E. (1994) – «La phrase: unité de langue ou unité de discours?», in *Mélanges de philologie et de littérature médiévales offerts à Michel Burger*, Genève, Droz, pp. 101-110.
- ROULET, E. (1997a) – «A modular approach to discourse structures», in *Pragmatics* 7, pp. 125-146.
- WALTHER, C. (1998) – *Modularity and Natural Language Parsing*, Genève, Systèmes et Information.

